

DOSSIÊ

CIGANOS NO BRASIL: um exercício de comparação etnográfica

Maria Patrícia Lopes Goldfarb

Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba e Fundadora do GEC (Grupo Estudos Culturais).

Mércia Rejane Rangel Batista

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande e membro do LACED (Laboratório de Pesquisa em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento).

Ao propor um dossiê que trouxesse contribuições de pesquisa acerca dos Ciganos no Brasil, buscamos proporcionar um conjunto de pesquisas que apresentassem ao leitor interessado do campo das ciências sociais, referências que permitam romper com estereótipos. Quando se discorre sobre ciganos, tendemos a acionar um conjunto de dispositivos narrativos que são atravessados por imagens que reproduzem personagens formados por uma suposta natureza e culturas exotizantes. Aos ciganos destinamos um lugar quase fixo, relacionado ao estado de permanente itinerância, de suposta inapetência dos elementos civilizadores. O que redundava em uma percepção de que, se estão no Brasil, se nasceram aqui, não se conformam plenamente à condição de brasileiros.

Mais do que denunciar e procurar corrigir essa visão equivocada, buscamos, com a proposta deste dossiê, problematizar a construção histórica que resulta em práticas persecutórias e excludentes, muitas vezes promovidas e aceitas pelos agentes estatais.

Em certa medida, a antropologia construída no Brasil vem, paulatinamente, se aproximado da temática cigana.

Percebemos que é necessário registrar a presença de ciganos desde o início do processo colonial instaurado por Portugal nas terras brasileiras, pois, assim, torna-se possível trazer para o leitor as diversas situações que os constituíram e que se refletem na diversidade de condições que são experimentadas contemporaneamente. Estes conheceram a situação do degredo, acusados de serem pouco afeitos ao respeito às regras estatais com relação ao credo religioso, ao mundo do trabalho e da obediência à autoridade.

Ao longo da história colonial, e como uma decorrência do jogo que se instala, no qual os ciganos são legislados e tomados no imaginário coletivo como seres menos desejáveis e sujeitos aos processos de controle, a presença dos ciganos é registrada de forma episódica no território nacional, como é o caso dos ciganos retratados no magistral romance brasileiro, “Memórias de um Sargento de Milícia”, de Manuel Antônio de Almeida, publicado em 1854.

Contudo, apesar da existência e da convivência com famílias ciganas, os mesmos não são tomados como parte da herança colonial, menos ainda da participação na cultura e na formação do povo brasileiro. Estamos diante daqueles que são pouco narrados, mas constantemente lembrados enquanto um exemplo que transita entre o negativo e o folclorizável, e que ainda não se constituíram enquanto sujeitos que se possam auto enunciar e questionar.

Em termos de uma produção acadêmica, é importante registrar que nos encontramos num espaço muito rarefeito, tendo em vista que identificamos poucos trabalhos voltados para o tema, e, dentre esses, os sempre citados Alexandre de Melo Morais Filho, com o seu “Cancioneiro dos Ciganos”, publicado em 1885 e “Fatos e Memórias”, publicado em 1905; José B. de Oliveira China com “Os ciganos no Brasil”, publicado em 1936. Os textos são importantes porque nos trazem a presença dos ciganos na sociedade brasileira. Porém, respondendo aos quadros intelectuais da época, produzem um registro que é marcado por uma visão raciológica, evolucionista e folclórica.

Apenas na década de 1980, passamos a ter uma preocupação com os estudos sobre os ciganos no campo da antropologia. Em alguma medida, refletimos as questões de pesquisa e os recortes teóricos e etnográficos que estavam a se desenvolver no campo

acadêmico europeu (Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal, principalmente). Aqui defrontamo-nos com contribuições que extrapolam o campo da antropologia, uma vez que temos estudos oriundos dos campos da literatura, linguística, geografia, história, sociologia, folclore, religião, dentre outros, e que vai construindo um cabedal no qual os ciganos são apresentados enquanto uma questão a ser pesquisada tanto no que diz respeito ao longo processo de existência face às sociedades envolventes, como também às situações contemporâneas. Essa variada produção vai repercutir e fertilizar no campo de estudos brasileiro, gerando a “descoberta” do tema “cigano” e das lacunas que o mesmo apresenta quando confrontados com outros grupos minoritários, que têm sido mais detidamente estudados.

É nesse diapasão que podemos, sem querer esgotar, trazer aqui a contribuição do trabalho de Maria de Lourdes Sant’Ana, pelo seu ineditismo, pois que, em 1983, começou a etnografar famílias ciganas na região sudeste, gerando uma dissertação de mestrado em antropologia que chama a atenção dos estudiosos sobre a constituição e permanência dos grupos minoritários na nossa sociedade. Por outro lado, em um contexto distinto, o pesquisador Frans Moonen (1993), ao ser instado pelo Ministério Público para realizar diagnóstico de violação de direitos em uma comunidade cigana, na Paraíba, nos apresenta um trabalho indicador da realidade cigana no Nordeste brasileiro.

A partir daí, passamos a nos defrontar com um interesse e uma crescente produção de pesquisas e etnografias que revelam a diversidade de situações experimentadas pelos ciganos em face da sociedade e Estado brasileiro; diversidade esta que é reconhecida pelos próprios ciganos.

Como um dos desdobramentos, e considerando o impacto da promulgação da Constituição Federal, em 1988, temos um cenário no qual os ciganos, com a presença do Ministério Público, e nas lutas por reconhecimento identitário, são confrontados com os desafios que envolvem uma agenda nova: os já tradicionais povos indígenas passam a ser ‘acompanhados’ pelos quilombolas e demais, identificados enquanto ‘povos tradicionais’. Em certa medida, aos ciganos se colocam grandes desafios, pois se veem e são vistos a partir de questões e critérios múltiplos.

A pesquisa de Maria Patrícia Lopes Sulpino (1999) realizada com os ciganos calons, localizados em Sousa (Paraíba), problematiza a oposição categórica nômade *versus* sedentarização, ao mesmo tempo em que nos apresenta a formação da identidade

cigana a partir de sinais diacríticos elencados pelos próprios ciganos para se definirem enquanto tal, sempre no processo de interação com a sociedade não cigana.

Em certa medida, vamos assistir à emergência de uma “demanda” cigana, ultrapassando as pautas geradas pelas pesquisas e compartilhando de um campo que apresenta questões voltadas para a atuação de representantes ciganos na agenda política nacional.

Como um desdobramento dessas pautas e com a criação e expansão de políticas públicas, somos desafiados a refletir sobre as associações ciganas, as discussões sobre saúde e educação diferenciadas, as inter-relações entre igualdade e equidade.

O trabalho de Marco Antônio Melo (et al., 2009) mostra-se como significativo da presença cigana no Rio de Janeiro, antiga capital colonial, imperial e republicana, onde os ciganos se especializaram numa atividade profissional, apontando a relação entre espaço e memória. O que reflete não só na ampliação dos temas estudados quando enfocam os ciganos, como também, na perspectiva teórica que se passa a incorporar, pois os mesmos são vistos não apenas como fiéis depositários de uma suposta tradição, mas enquanto conjuntos sociais interagindo de forma propositiva com as diversas situações sociais.

Efetivamente, passamos a ter o reconhecimento oficial do Dia do Cigano, de um conjunto de políticas públicas envolvendo as minorias e os esforços para incluir os ciganos enquanto interlocutores dos direitos / cidadania.

No campo das pesquisas, especialmente na Antropologia, vamos assistir ao surgimento e expansão das pesquisas históricas e etnográficas, tematizando o ativismo cigano, construções identitárias, gênero, territorialidades, deslocamentos, religiosidade, língua, além de exercícios comparativos.

No presente dossiê, recebemos doze excelentes artigos. Infelizmente, por questões de prazo, um não pôde ser publicado. Dividimos e aglutinamos a partir da questão Identitária, com os trabalhos que nos permitem observar como a identidade Cigana é construída, com o caso da “Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez”, de Cleiton Machado Maia e Ana Paula de S. Campos, que etnografam uma tenda em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, onde um grupo de médiuns realiza trabalhos espirituais, com a médium que incorpora entidades/espíritos de ciganos para desenvolver seus rituais e performances. O trabalho problematiza os chamados “ciganos de espírito”, analisando o uso de determinados símbolos ritualísticos e elementos da “cultura cigana” para

formular uma identidade que se legitima em momentos diferentes, reivindicando autoridade religiosa ou cultural para melhor se relacionar em seu espaço privado e público.

Os textos de Jamilly Rodrigues da Cunha e de Jéssica Cunha de Medeiros abordam pesquisas realizadas entre ciganos de Sousa-PB. Jamilly Cunha apresenta parte de sua dissertação de mestrado em antropologia, defendida na UFPE, cujo objetivo foi abordar os processos de demarcação identitária no contexto de uma comunidade cigana. Através de pesquisa e observação participante, traça e discute a atuação das lideranças ciganas por meio de reivindicações étnicas, nos processos que envolvem a mobilização das identidades individuais, bem como no fortalecimento da identidade coletiva.

O trabalho de Jéssica Medeiros aborda questões de cidadania, a partir de uma etnografia realizada no espaço de residência (ranchos) dos ciganos Calon no município de Sousa. A autora analisa, ao longo dos últimos trinta anos de moradia neste espaço, o processo de articulação entre as lideranças calon com as diversas formas de poder público. Reflete a cidade de Sousa enquanto um lugar de rota entre os ciganos nos anos 70, sobretudo a partir de relações com a autoridade política local, constituindo modelos de alianças políticas que perdurariam até os dias de hoje. Assim, busca entender os processos de mediação, em diversos níveis, entre os ciganos calon e o setor público, nas suas mais variadas instâncias, como as organizações que representam o Estado, agentes governamentais, universidades, agentes comunitários etc.

O ensaio de Juliana Miranda Soares Campos apresenta dados etnográficos sobre efeitos dos encontros entre não ciganos (“gajons”) e os ciganos que vivem no Acampamento Calon de São Gabriel, Minas Gerais. Aborda diversas formas de interação entre ciganos e não ciganos, encompassadas por contatos com gajons que representam o estado e instituições, até os relacionamentos pessoais com os que vêm a se tornar amigos e cônjuges. Deste modo, retrata transformações decorridas desses processos interacionais ao longo da história deste coletivo até os dias atuais, enfatizando duas dimensões sempre presentes: a violência social imposta pelo racismo da sociedade envolvente e o potencial inventivo destes calons diante desta realidade, o que nos remete à questão da identidade cigana em Belo Horizonte.

Passamos, então, para os trabalhos que, em certa medida, tematizam a identidade a partir de outros referentes. O trabalho de Lailson Ferreira da Silva reflete, a partir da biografia de uma não cigana, a sua trajetória de convivência em uma família de ciganos

localizados no Ceará, sobre como essa personagem feminina vai sendo incorporada nas relações familiares e redes de parentesco através de sua união conjugal com um cigano. Assim, aborda o “fazer-se” calon, processo marcado por adaptações, exigências e alteridade vividas ao longo de quinze anos enquanto esposa de um cigano. De tal modo, permite-nos uma reflexão sobre as relações entre ciganos e não ciganos e a questão da identidade cigana.

Tratando a questão de gênero, a masculinidade cigana é discutida por Renan Monteiro e Edilma Monteiro, com um artigo que problematiza a constituição do “ser homem” entre os Calon na Paraíba, dialogando com uma perspectiva de masculinidade cigana em construção. A observação participante e os registros audiovisuais foram utilizados para a compreensão dos momentos de transição de ciclos geracionais, passando, também, pela necessidade de reconhecimento e pertencimento coletivo.

Já o trabalho de Leila Samira Portela de Moraes, discute o deslocamento de ciganos Calon em Alagoas, relacionando-os aos processos de mobilidade, com a moradia no município de Carneiros, sertão do Estado, através das relações construídas dentro e fora da cidade. Deste modo, aborda relações envolvendo a construção do “ser Calon” ao lado dos desafios postos face os constantes deslocamentos realizados pela comunidade em foco.

O dossiê prossegue, apresentando trabalhos que discutem questões envolvendo os ciganos e que buscam realizar importantes exercícios de comparação e avaliação. Começamos com o artigo de Cassi Ladi Reis Coutinho, que retrata, a partir da pesquisa realizada em registros policiais mineiros, dois peculiares casos envolvendo os ciganos em Minas Gerais, no período em que as ideias de modernização e progresso construídas no século XIX orientaram políticas públicas – resultando na exclusão de grupos e indivíduos que não comungassem deste projeto o que culmina na classificação dos mesmos enquanto vagabundos, vadios, mendigos e desordeiros.

Em seguida, o ensaio de Flávia M. Arruda compara algumas proposições teóricas com as observações empíricas em relação à diáspora dos ciganos em diferentes partes do mundo, bem como as nomenclaturas utilizadas para classificá-los. Apresenta um panorama de pesquisas teóricas que versam sobre o tema, como também, o que indicam algumas pesquisas empíricas, destacando observações de campo realizadas pela autora em acampamentos ciganos na Região Metropolitana de Vitória-ES.

José Aclecio Dantas apresenta resultados de sua Dissertação de Mestrado em Serviço Social (UFPB), abordando levantamento e análise bibliográfica sobre grupos ciganos e sua perspectiva do trabalho formal. Busca tematizar fatores condicionantes impostos aos ciganos no tocante às suas formas produtivas, o que moldou forçosamente hábitos de trabalho.

Finalmente, no dossiê, temos o artigo de Luana Antonino de Medeiros, que trata sobre a saúde dos ciganos brasileiros e os determinantes sociais que influenciam no processo-doença desses povos. Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, investiga iniciativas institucionais voltadas para povos ciganos, com ênfase nas políticas de saúde, apresentando como o conceito de equidade se desenvolve na área de saúde e sua impotência para a redução das iniquidades em acesso e consumo de saúde por populações ciganas.

Resta-nos agradecer a todos os que se prontificaram a colaborar com este dossiê, na condição de avaliadores e parceiros na construção dos estudos ciganos no Brasil. E reafirmamos que a intenção ao se propor o mesmo, indica a possibilidade de não só trazer os diferentes pesquisadores que estão compartilhando do tema, como também de apresentar ao público o quanto este vem se desenvolvendo e ampliando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Manoel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícia**, 1854.

CHINA, José B. de Oliveira. **Os ciganos do Brasil**. São Paulo: Editorial Imprensa de São Paulo, 1936.

MELLO, M. A. S.; VEIGA, F. B. COUTO, P. B.; SOUZA, M. A. Os Ciganos do Catumbi: de “andadores do Rei” e comerciantes de escravos a oficiais de justiça na cidade do Rio de Janeiro. In: **Cidades, Comunidades e Territórios**, n. 18. Lisboa: CET-ISCTE, Jun/2009, p. 79-92.

MELO MORAIS Fº., Alexandre de. **Cancioneiro Cigano**. São Paulo: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018 [1885].

_____. **Fatos e Memórias**. Rio de Janeiro: Garnier, 1905.

MOONEN, Franz. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba**, João Pessoa: PR/PB, 1993.

SANT’ANA, Maria de Lourdes. **Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983. (Antropologia, 4).

SULPINO, Maria Patrícia Lopes. **Ser viajor, ser morador**: Uma análise da construção da identidade cigana em Sousa – PB. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRGS), 1999.